

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

(A propósito, também, da histórica edição nº 100 do Jornal de Minas)¹

José Antônio de Ávila Sacramento

João Guimarães Rosa nasceu no dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo-MG (antes Vista Alegre), uma “pequenina terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito: lá se desencerra a Gruta do Maquiné, milmaravilha, a das Fadas...”. Foi o primeiro dos sete filhos de Floduardo Pinto Rosa, o “seu Fulô”, juiz-de-paz, comerciante, caçador de onças e contador de estórias, e de Francisca Guimarães Rosa, a dona Chiquitinha.

Guimarães Rosa saiu de Cordisburgo ainda menino. Foi estudar em Belo Horizonte. Fez o curso primário no Grupo Escolar Afonso Penna. Em 1919, veio para o Colégio Santo Antônio, em São João del-Rei, a nossa então famosa escola mantida pelos frades franciscanos. Segundo a escritora e biógrafa Marília Librandi Rocha – paulista especialista em Língua e Literatura Portuguesa pela PUC-SP, Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada na USP, cujos dados serviram-me de base para este artigo – Rosa teve uma breve passagem pela nossa cidade, como aluno interno. Ele disse a respeito do Ginásio Santo Antônio: “de lá logo saí, pois não se acostuma com as refeições locais”. Humberto Werneck, em “Dona Chiquitita: as primeiras estórias de Guimarães Rosa”, uma entrevista com a mãe de Rosa, publicada no Suplemento Literário de MG (23.11.1968, p.3), afirmou que ele “não se acostumou com a comida e com uns colegas que lhe faziam medo” no referido Ginásio. De volta à capital mineira, matriculou-se no Colégio Arnaldo.

Em 1925, entrou para a Faculdade de Medicina da UFMG, onde conviveu com Pedro Nava e Juscelino Kubitschek. Formou-se em 1930. Naquele ano casou-se com Lygia Cabral Penna. Estabeleceu-se em Itaguara (então município de Itaúna-MG), onde iniciou a carreira de médico. Em Itaguara interessou-se pelas conversas com ciganos, com vaqueiros, com trabalhadores da roça, com raizeiros e receitadores, registrando tudo em cadernos e reconhecendo nessas pessoas importância cultural e, também, no caso dos curandeiros, a relevância do atendimento aos desvalidos que habitavam aqueles sertões. Tornou-se amigo de um deles, Manoel Rodrigues de Carvalho, o “seu Nequinha”, que morava em um “grotão enfurnado entre morros, num lugar conhecido por Sarandi” e o adjutorou em suas muitas aflições médicas. Seu “Nequinha” pode ter sido o inspirador do Compadre meu Quelemém, aquela espécie de oráculo sertanejo, personagem de “Grande Sertão: Veredas”. Vendo-se diante da incapacidade de por fim às dores e aos males do mundo, Guimarães Rosa acaba por se tornar descrente da Medicina. Perder um doente era, para ele, particularmente, algo trágico.

Rosa participou como voluntário da Revolução Constitucionalista de 1932, e, depois, ingressou como oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria, sediado em Barbacena-MG. Segundo depoimento de Mário Palmério, o quartel pouco exigia de Guimarães Rosa: “quase que somente a revista médica rotineira e solenidade ou outra, em dia cívico, quando o escolhiam para orador da corporação”. De 1933 a 1935,

¹ Texto publicado na **Edição número 100 do Jornal de Minas** (São João del-Rei/MG, ano VII, 20 a 30/06/2008, p.2), periódico editado e distribuído por **Neudon Bosco Barbosa**.

trabalhou no Serviço de Proteção ao Índio. Em 1934 prestou concurso no Itamaraty, foi aprovado em segundo lugar e apresentou-se ao mundo como diplomata. Em 1938 foi nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo/Alemanha, onde conheceu Aracy Moebius de Carvalho, que veio a ser sua segunda mulher. Em trabalho passou por Bogotá, Paris, pelo Brasil (Mato Grosso, Pantanal e “sertões das Gerais”), até chegar, em 1962, a chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras.

A estréia literária do demiurgo Rosa deu-se em 1929 com a publicação, na revista O Cruzeiro (n.57, 07.12.1929), do conto “O mistério de Highmore Hall” (uma raridade ilustrada por C. Chambelland que não faz parte de nenhum de seus livros). Além de outras sublimes publicações, escreveu “Magma” (escrito em 1936 e publicado em 1997), obra de poemas. Lançou o livro “Sagarana”, em 1946, com uma linguagem inovadora, singular estrutura narrativa e riqueza de simbologia regionalista que se transformou em formidável característica de experiência estética universal. Em 1947 escreveu “Com o vaqueiro Mariano”. Em 1956 publicou “Grande sertão: Veredas”, romance dos mais importantes da literatura brasileira, traduzido para várias línguas. Apresentou a sua obra “A Terceira Margem do Rio”, parte integrante de Primeiras Estórias (1962), texto narrado na primeira pessoa, um dos mais famosos e o mais aberto conto do autor. “Corpo de Baile” (atualmente publicada em três partes: Manuelzão e Miguilim/No Urubuquaquá, no Pinhém/Noites do Sertão), talvez a mais enigmática obra da literatura brasileira, foi lançada em 1956. A obra “Tutaméia: Terceiras estórias” foi lançada em 1967; “Estas estórias”, em 1969, e “Ave, Palavra”, em 1970 (as últimas, obras póstumas). Os arquivos do autor, período de 1908 a 1971, com aproximadamente 12.000 documentos, infelizmente não estão mais em Minas Gerais; foram adquiridos pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Em 1957, Guimarães Rosa foi candidato derrotado por Afonso Arinos de Melo Franco na sua primeira tentativa de ingressar na Academia Brasileira de Letras, quando obtivera apenas 10 votos. Na segunda candidatura, em 06 de agosto de 1963, foi eleito por unanimidade para a cadeira número 02 da ABL. Tomou posse apenas em 1967, quando foi recebido em 16 de novembro pelo acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco. Morreu três dias depois. No seu discurso de posse, já cardíaco, fumante inveterado, sedentário, com excesso de peso e com a voz embargada, o escritor pareceu prever a sua morte: “A gente morre é para provar que viveu. (...) As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Ainda em 1967, Rosa seria indicado para o Prêmio Nobel de Literatura; a indicação, iniciativa dos seus editores alemães, franceses e italianos, teve de ser abortada com a morte do escritor.

Na Alemanha nazista, na época do Holocausto, foi diplomata e exerceu as funções de cônsul geral do Brasil em Hamburgo. Nessa ocasião, com a ajuda de Aracy, salvou a vida de muitos judeus, fornecendo-lhes vistos de entrada para o Brasil. Os vistos, naquela época, eram proibidos pelo governo brasileiro e pelas autoridades nazistas, exceto quando o passaporte mencionava que o portador era católico. Sabendo disso, Aracy, que preparava os papéis, conseguia que os passaportes fossem confeccionados e assinados por Guimarães Rosa sem mencionar a religião do portador e sem a estrela de David que os nazistas pregavam nos documentos para identificar os judeus. Segundo Vilma G. Rosa, a primeira filha do escritor, os judeus, ao chegarem ao Rio de Janeiro, sem dinheiro, sem casa e sem emprego, eram ajudados por Lygia (a primeira esposa de G. Rosa). Sobre essa experiência, assim disse Rosa: “Eu, homem do

sertão, não posso presenciar injustiças. No sertão, num caso desses imediatamente a gente saca o revólver, e lá isso não era possível. Precisamente por isso idealizei um estratagema diplomático, e não foi assim tão perigoso”. Disse, ainda: “se eu não lhes der o visto, vão acabar morrendo; e aí vou ter um peso em minha consciência”. Em reconhecimento, o nome do casal Guimarães Rosa foi dado a um bosque das encostas de Jerusalém, em 1985. Encontram-se, nos arquivos do Museu do Holocausto, em Israel, depoimentos de algumas pessoas que por eles foram salvas.

Criador de uma linguagem inédita e surpreendente, Guimarães Rosa considerou o seu modo de se expressar como a “língua da metafísica”. Mas, também, ele manteve com a língua uma relação amorosa e carnal: “a língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente, mas a quem até hoje foi negada a bênção eclesiástica e científica. Entretanto, como sou sertanejo, a falta de tais formalidades não me preocupa. Minha amante é mais importante para mim”. Rosa mergulhou destemidamente pela origem adâmica das palavras, sem receio de se perder no manejo arquitetônico da língua. A obra rosiana, repleta de interação dialética, do rigor da observação e da imaginação, é objeto de pesquisas no mundo inteiro, sob a inspiração das ciências naturais humanas, filosóficas, religiosas, políticas, mitológicas, lingüísticas e até mesmo psicanalíticas.

Em trecho de carta (datada de 11 de maio de 1947, escrita para Vicente Guimarães), Rosa escreveu: “a língua portuguesa, aqui no Brasil, está uma vergonha e uma miséria. Está descalça e despenteada (...). É preciso distendê-la, destorcê-la, obrigá-la a fazer ginástica, desenvolver-lhe músculos. Dar-lhe precisão, exatidão, agudeza, plasticidade, calado, motores. E é preciso refundi-la no tacho, mexendo muitas horas. (...) A nossa literatura, com poucas exceções, é um valor negativo, um cocô de cachorro no tapete de um salão. Naturalmente palavrosos, piegas, sem imaginação criadora, imitadores, ocos, incultos, apressados, preguiçosos, vaidosos, impacientes, não cuidamos da exatidão... Quem pode, deve preparar-se, armar-se, e lutar contra esse estado de coisas. É uma revolução branca, uma série de golpes de estado”.

O jornalista e escritor Paulo Bicarato, em boa hora, lembra que Guimarães Rosa e Machado de Assis “disputam” o título de maior escritor brasileiro. “Coincidência ou não”, diz Bicarato, “Rosa nasceu exatamente no ano em que Machado morreu, 1908. Seria um dando continuidade à obra do outro?”.



Reprodução de selo comemorativo do Centenário do Nascimento de João Guimarães Rosa (Correios do Brasil-2008).